

FREDERICO DINIS

A PERFORMATIVIDADE DA MEMÓRIA EM LUGARES RELIGIOSOS

A performatividade da memória em lugares religiosos

Posfácio

Da anamnesis à poiésis

Perdemos o sentido da inatividade, que não é uma incapacidade, uma negação, uma simples ausência de atividade, mas que representa um patrimônio autônomo. A inatividade tem uma lógica própria, uma linguagem própria, uma magnificência própria, e uma magia própria. Não é uma fraqueza, uma deficiência, mas uma intensidade, que na nossa sociedade ativa e de desempenho não é salvaguardada nem apreciada. Não temos acesso ao reino nem à riqueza da inatividade. Esta é uma forma esplendorosa da existência humana, que hoje empalideceu e se converteu numa forma vazia da atividade.

[Han, 2023: 11]

No triângulo da arquitetura religiosa

A amplitude semântica dos lugares construídos, sobretudo daqueles de matriz religiosa, ultrapassa a medida das escalas de sentido racional; sem inscrição, portanto, no redutor conceptualismo. O mesmo se poderá dizer das obras de arte, de quaisquer expressões, quando autênticas. Existe, pois, uma transbordância, entendida como polissemia, que, sem se negar à possibilidade hermenêutica, se inscreve aquém e além da narratividade do real. Por esse mistério passa a arquitetura, quando os edifícios são gerados como «lugares de excelência».

Para desenvolver os projetos *site-specific*, Frederico Dinis selecionou lugares religiosos, três ao todo, que foram já objeto de amplo reconhecimento público, nacional e internacional. Dois deles, a Capela Árvore da Vida e a Capela da Imaculada, em Braga, foram distinguidos, pela plataforma ArchDaily, na categoria do religioso, com a distinção de «edifício do ano com a melhor arquitetura», em 2011 e 2019, respetivamente. E a Igreja de S. Martinho de Cedofeita, situada no Porto, tem sido francamente apreciada. Criados ou intervencionados, os três edifícios são obra do atelier Cerejeira Fontes Arquitetos. Com longa experiência e prática de arquitetura reconhecida, os arquitetos beneficiaram da competente colaboração multidisciplinar, cujos debates críticos e criação de obras de arte em muito beneficiaram o resultado final, enquanto obras de arte total.

Alguns dos valores arquitetónicos promovidos, edificados e capazes de se desenvolverem, encontram-se em sintonia com os objetivos que Frederico Dinis se propôs trabalhar, através de práticas artísticas, nos três espaços religiosos. Desde logo, o da serenidade. A propósito deste valor, Asbjørn Andresen, na introdução que escreveu para a dedicação da Capela da Imaculada, salienta a reflexão, que ancora numa metáfora de Juhani Pallasmaa:

«A serenidade é uma das dimensões de qualquer espaço que tenha um programa religiosos ou litúrgico, tal como o é a luz. A serenidade é a consciência de que o espaço pertence à arquitetura e não é a ausência de som; consiste no tipo de presença que encontramos numa sala de concertos quando o maestro levanta os braços e suscita a concentração da orquestra e da assistência» (Andresen, 2015: 7).

Audição profunda e inexplorabilidades

Relendo o texto de Frederico Dinis, nomeadamente na apresentação da metodologia adotada, para «redescobri» os três lugares, parece-me que ele se inscreve numa atitude de procura, dentro dos lugares, naquela velocidade lenta que permite a serenidade. E nisto em acordo com o que Asbjørn Andresen descreve, na supracitada apresentação:

«É como inspecionar uma gruta em busca de uma nascente oculta, e o som da água que corre é claro, mas o caminho para a nascente está apagado e

encoberto na escuridão da gruta. Somos idealistas e, na nossa condição de idealistas, falíveis; o caminho é errante e exploratório; grandiosos são, portanto, os momentos de unânime clareza e unidade, a exatidão e o lugar «auto-evidente» da arte no espaço» (Andresen, 2015: 7).

A deslocação demorada que se sente, em cada *performance*, através da velocidade relentada da passagem de imagens e sonoridades, enquanto mediações sensíveis da arte, ajuda a fazer uma imersão mais profunda no tempo e nos lugares, na sua complexidade idiossincrática. Tal demora, como que habitada por instantes e detalhes, nutre uma assunção emocional, com ressonâncias existenciais. Desta forma, a audição é alimentada de silêncios, dos quais emergem ressonâncias das matérias, a revelar o oculto enraizamento dos lugares, nas camadas mais finas das suas «falas» não verbais, em diálogo com os «ouvintes» e «videntes», que se reconhecem ao espelho. E no seu ritmo moroso, a introspeção passa a contemplar alargamentos paisagísticos, capazes de fazerem estremecer quem assim ouve e vê. Sem deixar de reconhecer-se, porém, num território cheio de inexplorabilidades. Enfim, adotada desde Koepnick, a estética ritmada pela lentidão é assumida como aporia em relação às acelerações vertiginosas da vida contemporânea, nas quais os humanos são capturados através do desejo da imediata retribuição e de uma cegueira dos sentidos, enquanto janelas da sensibilidade.

Nesta prática artística, há dimensões que emergem para a atualidade, com pertinência surpreendente, sobretudo para quem atenta à multissensorialidade, conforme a explorou, por exemplo, Juhani Pallasmaa, no campo da relação entre a arquitetura e os sentidos (cf. Pallasmaa, 2005). Elas hão de ler-se, também, na sequência da publicação que Frederico Dinis fez, em 2022: *Caderno de Representações da Memória. Da Aproximação ao Site-Specific à (Des)construção do Sentido de Lugar*. No trabalho agora publicado, a ler na sequência de uma prática artística já bem sustentada, sobressai a possibilidade de ditar poéticas sonoras e visuais dos lugares religiosos, com esplendorosa (verdade e bondade combinadas) estética teológica muito pouco explorada. Quem usufrui desta qualidade estética pode, a seu modo, ver-se iniciado num caminho outro de vivência das realidades religiosas, em função dos espaços «dedicados». Mas, também, e como em pontes, transportado para valores e experiências sem precedentes. Para, depois, dar-se ao tempo da mistagogia, com iluminações a jusante, que explora o que viu quase

nas trevas, nas atmosferas que assinalam as luzes, os sons e os silêncios da experiência da crença, até da transcendência da matéria, em grande parte «escura», noturna, pós-crepuscular, auroral.

Da memória: *performance* da anamnesis à poiésis

Tendo presente a performatividade da memória, cujo âmbito de reflexão é explorado na prática artística, ocorre valorizar uma analogia que se vislumbrará desde a práxis litúrgica. Até porque as artes podem ser consideradas, também, a partir da sua liturgia intrínseca, conforme é refletida por Frederico Dinis, noutros trabalhos (Dinis, 2023), de modo especial no *Caderno de Representações da Memória* (Dinis, 2022); em sintonia, aliás, com vários autores, entre eles, João Manuel Duque, em «Ritualidade da arte: performatividade da memória» (Duque, 2018).

A analogia poderá fazer-se com a anamnética. Concretizemos. A «anamnese», que sucede nas peças litúrgicas, nomeadamente eucológicas (literatura oracional), conecta-se com a memória. Desde a filologia, tendo presente a sua raiz grega, que, por sua vez, corresponde ao termo hebraico «zikkaron», o seu significado relaciona-se com o memorial, algo que é comemorado ou objeto de recordação. Nestes sentidos, a memória não é convocada apenas na sua dimensão subjetiva, mas sobretudo em ordem a atualizar a realidade, ocorrida uma única vez e para sempre (*ephápax*) no passado, através da prática ritual, e a fazer participar do seu influxo salvífico os participantes. Esta «estratégia» eucológica e ritual, que ocorre performativamente na memória, não se dá só nas orações eucarísticas. Ela está presente, sim, nas orações judaicas, cuja tradição construtiva a liturgia cristã herdou. Jamais uma eucologia, breve ou prolixa que seja, avança para a súplica (*petitio*), sem antes elaborar vários motivos memoráveis, em sintonia com o que se pretende. Essas memórias são o «combustível» que gera a esperança, a plausibilidade do atendimento. E, deste modo, alavancada na memória, a anamnese projeta-se para o futuro, antecipando-o no presente.

Frederico Dinis explora antecipadamente os três lugares religiosos e, com a sensibilidade que lhe assiste, colhe vários registos, sobretudo visuais e auditivos, que a sua memória apreende com os sentidos do corpo. Hauridas em permanências e deslocamentos, as suas memórias não correspondem a uma

colheita racional de informações tópicas, de forma a reproduzir experiências estáticas, como na «rememoração nostálgica». Antes, concebem-se como «matéria anamnética», capaz de produzir a expansão dos lugares, através da prática artística da *performance*, promovendo o seu alcance semântico, na percepção corporizada (senciente), quer pelo sentido de pertença a fruir na hospitalidade, quer pelas deslocações que convocam a imaginação. Tal imersão nos lugares religiosos, ao mesmo tempo, na sua imanência e transcendência, catapulta os seus «habitantes» para se sentirem mais quem são, na sua identidade única, na relação comunitária, onde mais podem ser, através das experiências somático-emocionais e espirituais profundas.

Neste enquadramento, pergunto: Os motivos «memorados» na anamnese da *performance*, na qual Frederico Dinis é «sacerdote-poeta», constituirão uma «paraliturgia» artística capaz de gerar, através da sua poética sonora-visual (ditada em «proposição»), experiências de criação po(i)ética nos participantes imersos nos lugares? Por certo. Eis o mistério da performatividade da memória! Ao que aclamamos: «Neste sítio amável, a memória recr(e)ja-se “cordialmente”».

Da prática artística: memórias e experiências

Com a realização destes três projetos *site-specific*, Frederico Dinis contribuiu decididamente para um mais amplo e contextualizado conhecimento científico, gerado através da prática artística ao vivo, em linguagens não verbais, haurindo contributos de assegurada relevância para a Teologia e os Estudos da Religião. O que ele faz, note-se, em interface com uma atenta fenomenologia da ritualidade-ubiquidade paralitúrgica dos lugares religiosos, no caso de duas capelas e uma igreja, em geografias urbanas, com o uso «calibrado» da tecnologia. De facto, este recurso não se reduz às aplicações técnicas, numa espécie de «suprematismo» da máquina, desvalorizando a ação do humano, que, antes, a aciona e orienta em função de princípios e objetivos.

Tendo participado em duas das *performances* audiovisuais, nas Capelas Árvore da Vida e da Imaculada – a terceira, S. Martinho de Cedofeita, acompanhei-a por documento póstumo –, posso garantir: elas exploraram estéticas alternativas, com ímpares inovações que tocam o descentramento do corpo performativo, expandindo-se por paisagens sonoras capazes de serem

assumidas como criações de atmosferas «religiosas», inclusive na sua «onírica» poemária. Quem não se deliciará na «veia haicaísta» a ditar assim: «No alento da existência/ a transversalidade da harmonia/ Uma humanidade no recolhimento»; «Na descontinuidade da carência/ a expectativa de uma ausência/ Um fragmento de melancolia»; «No íntimo do apego/ uma sombra de determinação/ A quietude vulnerável», a irromper na lentidão das imagens e sonoridades?

O poder da imaginação ativava dimensões da memória, inclusivamente futura, como quem acolhe reverberações de valores adventícios. O efêmero pode ser vivido como lugar de trânsito, reconduzindo-nos, através da memória em construção, a uma espécie de «senciência» religiosa. A *performance*, jogando com certos antilapsos (admitindo os lapsos) da memória como anamneses litúrgicas, atinge a sensibilidade em ecos de fundo cosmovisional. E permite a fruição do silente rumor de presenças atingíveis pelo som na produção *in loco*. E, sempre *in loco*, há como que uma saída, peregrinação ou longínqua viagem, para o limiar fronteiro do tempo-espaço, naquilo que Frederico Dinis assinala como «a transgressão espacial e a construção de um eu espacial».

Da análise dos três trabalhos, numa tríade complementar – inserir mais, pergunto, não seria cair numa «demasia»? –, em termos de sequência da linguagem dos lugares selecionados, é possível apreciar o respeito por cada um deles, sem pensar num conceito que logo se aplica sem mais. Assim, no caso da Capela Árvore da Vida, o trabalho investe *na morosidade da espera e do eco*, sem urgência de uma paisagem visual em projeção. Daí a escassez, mas que tem tanto de vastidão, dos elementos gráficos, quase só sentenças de teor sapiencial, duma nova hagiografia. É dessa demora que, pela atenção corporal, a existência se alenta, e a harmonia assume a sua obliquidade, como humanidade que se recolhe a essa hospitalidade, inclusive de silêncio vital. Por sua vez, na Capela da Imaculada, num apelo novamente modulado pela lentidão, é o *vagar que agrega e contém*. A carência assume-se na sua descontinuidade e gera a expectativa que nasce da ausência, do que ainda não é, mas poderá vir a ser, a partir da melancolia dos fragmentos. Demora que, na Igreja de S. Martinho de Cedofeita, é a tónica *na «procura» até ao «encontro»*. Até mesmo de quem parte do íntimo da sombra, por uma quietude vulnerável.

Todos os trabalhos são apresentados através de guiões conceptuais, em esquemas gráficos claros, que muito auxiliam, não só a fazer a hermenêutica das criações, mas sobretudo a torcer os fios da «corda» que dá maior consistência

à leitura, pela qual se faz a colheita das narrativas, ou um adentramento nelas. Para esta releitura, colabora o álbum de fotografias a preto e branco, selecionadas em função de uma «estética do vislumbre» crepuscular-noturno.

Relentalizar: pela escada em espiral e na barca

De 22 a 30 julho do ano 2023, sucedeu algo que reúne as características das *memorabilia*, no sentido em que é um evento digno de ser para sempre constante à memória mais agradecida. Nessa semana, ocorrendo os «dias nas dioceses», antecedentes à realização da Jornada Mundial da Juventude, em Lisboa, decidiu o Seminário Conciliar de Braga, juntamente com Frederico Dinis, proporcionar aos jovens a experiência das três *performances* audiovisuais num só lugar, concretamente, uma no corredor do rés do chão e duas no vão das escadas em espiral, que dão acesso aos pisos do Seminário. Além disso, a fruição poderia ser feita por qualquer pessoa, o que sucedeu com muitos turistas. Ao todo, terão usufruído da exposição mais de 2000 visitantes.

«Ralentalizar» foi a titulação com que Frederico Dinis batizou a iniciativa. O que mais surpreendia nos jovens, que andavam com o hino das JMJ nos lábios, cantando «Há pressa no ar», era a forma como fruíam a «ocupação-exposição», isto é, as três instalações videográficas (gravações das *performances* realizadas nas Capelas Árvore da Vida e da Imaculada e na Igreja de Cedofeita). Todas elas, refira-se, ao som de uma *performance* musical, acen-tuadamente lenta, única neste caso. Sentados nos degraus e até no chão, o silêncio deles sobressaía espontaneamente. Toda a atenção era patente nos seus olhares sem ruído. Em sintonia com o parágrafo em epígrafe, colhido da obra *Vita contemplativa*, da autoria de Byung-Chul Han, depreendia-se como esta real «inatividade» exhibia neles a sua própria linguagem, magnificência e magia. Sim, surpreendia a intensidade com que se viam imersos no que viam e ouviam, nessa «forma esplendorosa da existência humana» (Han, 2023: 11), que, por esses minutos, brilhava sem se empalidecer.

A meio das escadas, todos os visitantes adentravam-se na Capela Árvore da Vida. E, aí, era possível senti-los a «jogar» e a «viajar» pelos andamentos assinalados por Frederico Dinis nos «subtemas» com que, no respetivo «guião conceptual», desdobrou este lugar. Socorrendo-me de palavras «imparafrá-sicas», que testemunham o que neles via, gostaria de fazer uma longa citação,

porque, assim estou persuadido, apropriada e em sintonia com as conclusões de Frederico Dinis. São, neste caso, da autoria de Ugo Rosa, de Caltanissetta (Sicília), que escreveu um artigo sobre esta capela, publicado na revista *Divisare*, com fotografias de Santo Eduardo Di Micheli (Rosa 2012). Ei-las:

«Na imagem (banal, dou-me conta, e, todavia, inevitável...) da barca e, juntamente, da cabana, nós avistamos a *arca* e, com o seu espaço fechado, mas, ao mesmo tempo, viajante, a possibilidade *de estar e de andar* ao mesmo tempo: isto é o híbrido fascinante, esta é a aporia móvel entre viajar e habitar. E pergunto-me: que outra coisa é o rito, que coisa é a liturgia, senão este *reviver tempos e espaços diferentes*, este encontrar-se *aqui*, habitadores, e, todavia, *noutro lugar*, viajantes? Que coisa é o rito, senão esta possibilidade de mover-se (*de jogar*) num tempo e num espaço que, permanecendo, todavia, contíguos ao tempo e ao espaço “*de fora*”, não são, todavia, *aquele* tempo nem *aquele* espaço, mas um *outro* tempo e um *outro* espaço? A liturgia não esconde, aos meus olhos, o seu estatuto lúdico, mas mostra-mo excedido numa autenticidade que não exige a caução do real (*deste* real). A liturgia é, noutras palavras, autenticidade que passa sem o visível: o pão é pão, o vinho é vinho e, todavia, num sentido mais *autêntico*, embora menos visível, o pão é o corpo, o vinho é o sangue. Eis como a liturgia nos (e se) coloca em jogo: entrelaçando visível e invisível, no horizonte de uma autenticidade que não tem necessidade daquele *real* com que o adulto condescende supinamente» (Rosa 2012).

Memória endográfica

A ampla base de investigação, precedente e, de novo, neste projeto praticada, permitiu a Frederico Dinis, num quadro de alargamento das várias áreas científicas e artísticas, prosseguir em ordem a explorar iniciaticamente os lugares religiosos, na sua relação com o diverso «modular/declinar» das representações da memória. Pelo que, com agrado e desafio, a investigação realizada se cruza com várias das linhas de investigação do CITER. Por certo, fazendo-se em interface, cada vez mais em regime aberto e de valorização mutual, com as áreas da Teologia e dos Estudos da Religião.

Sugeria, por conseguinte, que, dentro das possibilidades, se desse maior visibilidade a esta modalidade de investigação, quer a nível dos canais do CITER, quer na mais que justa divulgação, a fim de que outros interessados possam

beneficiar deste tipo de trabalhos. Sem pensar que somente a abundância de público, ou de leitores, será o índice da sua plausibilidade e pertinência.

Por fim, não poderia terminar sem agradecer, com um «bem-haja», ao seu autor, Frederico Dinis, bem como ao CITER e às instituições que patrocinaram esta publicação, na Universidade Católica Editora, através do mecenato.

Joaquim Félix de Carvalho
Braga, 22 de novembro de 2023.